



Oculum Ensaios

ISSN: 1519-7727

ISSN: 2318-0919

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

STENGER, GUNNAR
A BAHIAN'S PERCEPTIONS OF MOROCCO AND TURKEY
Oculum Ensaios, vol. 14, no. 3, 2017, September-December, pp. 426-439
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

DOI: 10.24220/2318-0919v14n3a4102

Available in: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351754586001>

- How to cite
- Complete issue
- More information about this article
- Journal's webpage in redalyc.org

UAEM 

Scientific Information System Redalyc
Network of Scientific Journals from Latin America and the Caribbean, Spain and
Portugal

Project academic non-profit, developed under the open access initiative



Casablanca, Marrocos. Mesquita Hassan II. Janeiro, 2015.
Casablanca, Morocco. Mosque of Hassan II. January 2015.
Casablanca, Marruecos. Mezquita Hassan II. Enero, 2015.

PERCEPÇÕES DE MARROCOS E TURQUIA POR UM BAIANO

GUNNAR STENGER

O ensaio fotográfico do arquiteto urbanista Luiz Augusto é um registro de parte da cultura islâmica em um contexto contemporâneo, com enfoque no Marrocos e Turquia. As fotos vêm de sua recente viagem ao mundo árabe, mas diferem-se de um registro turístico convencional por terem sido capturadas pelas lentes de um historiador que se percebe em contato com parte de sua própria história.

As paisagens culturais turca e marroquina têm suas origens no mundo antigo. Com o passar da história e seus movimentos de migração, a cultura e estética moura exerceram grande influência na Espanha e em Portugal. A cultura de Portugal, por vez, exerceu grande influência na formação dos primeiros povoados brasileiros, principalmente Salvador, terra natal de Luiz.

Logo, se a princípio a viagem seria sua primeira visita a essas cidades e uma experimentação de novos lugares e novas paisagens, o interesse do olhar pela arquitetura, pela paisagem árida, pelos alimentos de pigmentação vibrante e a sensibilidade por cenas sacras apontam e comprovam uma surpreendente familiaridade do fotógrafo para com esses lugares. Em conversa com ele sobre os elos hereditários entre as culturas marroquinas e turcas e baianas, ele se recordou do seguinte trecho de Antonio Risério:

Sim. Sob o signo da mestiçagem. Foi assim que teve o seu ponto de partida essa aventura a que chamamos o Brasil.

[...] Reagindo contra as teses centenárias da “descoberta” e do Novo Mundo”, nossos historiadores passaram a fixar o início da história do Brasil em remotas migrações páleo-asiáticas, retrazendo o enredo histórico à chegada dos primeiros grupos “amarelos”, que teriam atravessado o Estreito de Bering em direção ao nosso atual território. Sem pretender de modo algum desconsiderar a presença indígena, penso que devemos situar o início do processo histórico brasileiro justamente no encontro, na encruzilhada de trajetórias histórico-culturais distintas, que aqui se atritaram e se mesclaram. Temos a história de tupinambás e tupiniquins, com a sua política expansionista, assim como temos a história de Portugal — e, em seguida, histórias africanas —, na origem última de nossa configuração atual. [...]

Sejamos razoáveis. O Estreito de Bering, a reconquista cristã da Península Ibérica e as guerras entre nagôs e haussás foram indispensáveis à nossa formação (RISÉRIO, 2000).

O ensaio inclui o registro de cenas desérticas, do *Ouarzazate*, mesquitas, arcadas e mercados e apresenta cenários de cores e iluminação únicas. E como um todo, a exibição nos faz refletir sobre como esses povos antigos construíram uma comunidade imponente ao ponto de serem capazes de viver em ambientes extremos e cujos valores culturais foram preservados por milhares de anos. De ruínas a fenômenos modernos, o trabalho nos mostra um incrível processo de antropomorfização de terras áridas por uma cultura hábil em viver, ao mesmo tempo, em harmonia e em contraste com essas terras, como pode ser experimentado na cena do deserto de *Merzouga*, Saara.

Por fim, o trabalho oferece uma oportunidade para invocar instintos primitivos de pertencimento a partir de algo exótico. Conhecer sensações que podem ser novas, mas ainda assim, assimiláveis ao nosso passado. E se deleitar de arquitetura e paisagens incríveis.

REFERÊNCIA

RISÉRIO, A. *Uma história da cidade da Bahia*. Salvador: Editora Omar G., 2000.

GUNNAR STENGER | Arquiteto Urbanista | Campinas, SP, Brasil | *E-mail*: <gunnarstenger@gmail.com>.
LUIZ AUGUSTO MAIA COSTA [FOTOS] | Pontifícia Universidade Católica de Campinas | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Programa de Pós-Graduação em Urbanismo | Rod. Dom Pedro I, Km 136, Pq. das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil | *E-mail*: <luiz.augusto@puc-campinas.edu.br>.

A BAHIAN'S PERCEPTIONS OF MOROCCO AND TURKEY

GUNNAR STENGER

The photo essays by the architect and urbanist Luiz Augusto are partial records of the contemporary Islamic culture in Morocco and Turkey. The shots from his recent trip to the Arabic world differ from conventional touristic records, as they are captured by the lens of an historian that reflects on a contact with his own history.

Turkish and Moroccan cultural landscapes originate in the ancient world. Within historical migration flows, Moorish culture and aesthetics came to exert great influence in both Spain and Portugal, which, in turn, molded the formation of the first Brazilian settlements, especially Salvador, where Luiz was born.

His gaze, interested in architecture, arid landscapes, vibrant and colorful foods, as well as his sensitivity to sacred scenes, turned the trip that would be his first arrival to those lands and an experimentation of new places and landscapes into a case of surprising familiarity with the places. In a conversation about hereditary connections among Moroccan, Turkish and Bahian cultures, the architect suggested Antonio Risério's extract:

Yes. Under the sign of race mixture. That is how the adventure we call Brazil began. [...] Reacting against centuries-old theses of "discovery" and the New World, our historians established the beginning of Brazilian history in remote paleo-Asian migrations, the arrival of the first "yellow" groups who would have crossed the Bering Strait towards our recent territory.

Not wishing to leave out the indigenous presence, I think we should locate the beginning of Brazilian historical process in the encounters, in the crossroads of distinct historic-cultural trajectories that clashed and merged here. We have the expansionist history of tupinambás and tupiniquins, the history of Portugal, and African histories in our latest configuration. [...]

We shall be reasonable. The Bering Strait, the Christian reconquest of the Iberic Peninsula, and the wars between nagôs and haussás were all indispensable to our formation (RISÉRIO, 2000).

The essay includes scenes of the desert, the *Ouarzazate*, mosques, arches and markets, presenting colorful sceneries with unique lightening. The exhibition causes a reflection on how those peoples built such majestic communities, their ability to live in extreme environments, and the preservation of their cultural values for thousands of

years. Ruins and modern phenomena included, the work shows an amazing process of anthropomorphism in arid lands, led by a culture that simultaneously lives in harmony and contrast with these lands, as experienced in the scene of the *Merzouga* desert in Sahara.

At last, the work is an opportunity to invoke primitive instincts of belonging through something exotic, encountering sensations that might feel new, but are comprehensible within our past, and delighting oneself with the amazing architecture and landscapes.

REFERENCE

RISÉRIO, A. *Uma história da cidade da Bahia*. Salvador: Editora Omar G., 2000.

GUNNAR STENGER | Arquiteto Urbanista | Campinas, SP, Brasil | *E-mail*: <gunnarstenger@gmail.com>.

LUIZ AUGUSTO MAIA COSTA [PHOTOS] | Pontifícia Universidade Católica de Campinas | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Programa de Pós-Graduação em Urbanismo | Rod. Dom Pedro I, Km 136, Pq. das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil | *E-mail*: <luiz.augusto@puc-campinas.edu.br>.

LAS PERCEPCIONES SOBRE MARRUECOS Y TURQUÍA DE UN “*BAIANO*”

GUNNAR STENGER

El ensayo fotográfico del arquitecto urbanista Luiz Augusto es un registro de parte de la cultura islámica en un contexto contemporáneo, con enfoque en Marruecos y Turquía. Las fotos provienen de su reciente viaje al mundo árabe, pero difieren de un registro turístico convencional puesto que fueron capturadas con las lentes de un historiador que se percibe en contacto con parte de su propia historia.

Los paisajes culturales turco y marroquí tienen sus orígenes en el mundo antiguo. Con el transcurso de la historia y sus movimientos de migración, la cultura y estética moras ejercieron una gran influencia en España y Portugal. La cultura de Portugal, a su vez, ejerció gran influencia en la formación de los primeros pueblos brasileños, principalmente Salvador, tierra natal de Luiz.

Por lo tanto, si en un principio el viaje sería su primera visita a esas ciudades y una experimentación de nuevos lugares y nuevos paisajes, el interés de la mirada por la arquitectura, por el paisaje árido, por los alimentos de pigmentación vibrante y la sensibilidad por escenas sacras apuntan y comprueban una sorprendente familiaridad del fotógrafo con esos lugares. En una charla con él sobre los eslabones hereditarios entre las culturas marroquíes y turcas con la de Bahía, él recordó el siguiente trecho de Antonio Risério:

Sí. Bajo el signo del mestizaje. Fue así que tuvo su punto de partida esa aventura a la que llamamos Brasil.

[...] Reaccionando contra las tesis centenarias del “descubrimiento” y del “Nuevo Mundo”, nuestros historiadores pasaron a establecer el inicio de la historia de Brasil en remotas migraciones paleo-asiáticas, volviendo a trazar la trama histórica para la llegada de los primeros grupos “amarillos”, que habrían atravesado el Estrecho de Bering en dirección a nuestro actual territorio.

Sin pretender de ninguna manera desconsiderar la presencia indígena, pienso que debemos situar el inicio del proceso histórico brasileño justamente en el encuentro, en la encrucijada de trayectorias histórico-culturales distintas, que aquí se rozaron y mezclaron. Tenemos la historia de tupinambás y tupiniquins, con su política expansionista, así como tenemos la historia de Portugal — y, en seguida, historias africanas —, en el origen final de nuestra configuración actual. [...]

Seamos razonables. El Estrecho de Bering, la reconquista Cristiana de la Península Ibérica y las guerras entre nagós y haussas fueron indispensables para nuestra formación (RISÉRIO, 2000).

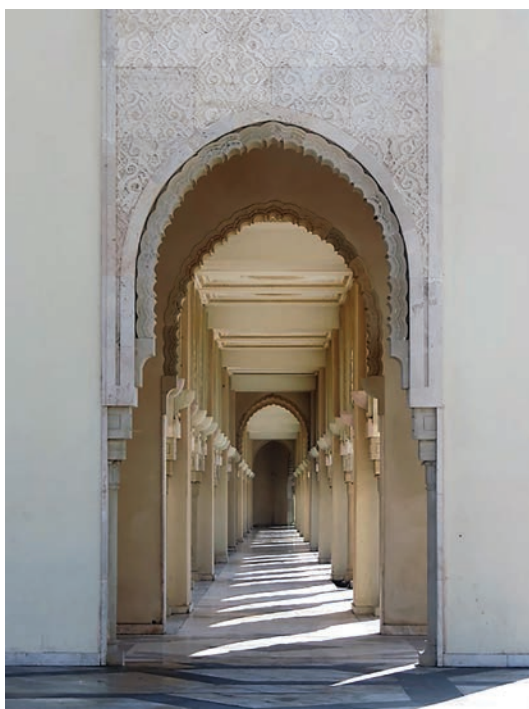
El ensayo incluye el registro de escenas desérticas, del *Ouarzazate*, mezquitas, bóvedas y mercados y presenta escenarios de colores e iluminación únicas. Y, como un todo, la exposición nos hace reflexionar sobre la forma en que esos pueblos antiguos construyeron una comunidad imponente hasta el punto de ser capaces de vivir en ambientes extremos y cuyos valores culturales se preservaron por miles de años. De ruinas a fenómenos modernos, el trabajo nos muestra un proceso increíble de antropomorfización de tierras áridas por una cultura hábil en vivir, a un mismo tiempo, en armonía y en contraste con esas tierras, como puede experimentarse en la escena del desierto de *Merzouga*, Sahara.

Por fin, el trabajo ofrece una oportunidad para invocar instintos primitivos de pertenencia a partir de algo exótico. Conocer sensaciones que pueden ser nuevas, pero aun así asimilables a nuestro pasado. Y deleitarse con la arquitectura y los paisajes increíbles.

REFERENCIA

RISÉRIO, A. *Uma história da cidade da Bahia*. Salvador: Editora Omar G., 2000.

GUNNAR STENGER | Arquiteto Urbanista | Campinas, SP, Brasil | *E-mail*: <gunnarstenger@gmail.com>.
LUIZ AUGUSTO MAIA COSTA [FOTOS] | Pontifícia Universidade Católica de Campinas | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Programa de Pós-Graduação em Urbanismo | Rod. Dom Pedro I, Km 136, Pq. das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil | *E-mail*: <luiz.augusto@puc-campinas.edu.br>.



Ao lado e abaixo:

Casablanca, Marrocos. Mesquita Hassan II. Janeiro, 2015.
Casablanca, Morocco. Mosque of Hassan II. January 2015.
Casablanca, Marruecos. Mezquita Hassan II. Enero, 2015.





Deserto de Merzouga, Saara, Marrocos. Janeiro, 2015.
The Merzouga Desert, Sahara, Morocco. January 2015.
Desierto de Merzouga, Sahara, Marruecos. Enero, 2015.



Mausoléu de
Mohammed V,
Rabat, Marrocos.
Janeiro, 2015.

*Mausoleum of
Mohammed V,
Rabat, Morocco.
January 2015.*

*Mausoleo de
Mohammed V,
Rabat, Marruecos.
Enero, 2015.*



Casablanca, Marrocos. Mesquita Hassan II. Janeiro, 2015.
Casablanca, Morocco. Mosque of Hassan II. January 2015.
Casablanca, Marruecos. Mezquita Hassan II. Enero, 2015.

Ouarzazate,
Marrakech,
Marrocos.
Julho, 2015.

*Ouarzazate,
Marrakesh,
Morocco.
July 2015.*

*Ouarzazate,
Marrakech,
Marruecos.
Julio, 2015.*



Deserto do Saara, Marrakech, Marrocos. Julho, 2015.
The Sahara Desert, Marrakesh, Morocco. July 2015.
Desierto del Sahara, Marrakech, Marruecos. Julio, 2015.

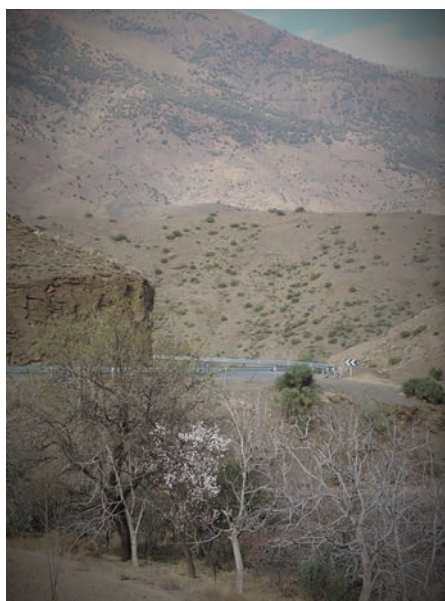


À esquerda e à direita:

Ouarzazate, Marrakech, Marrocos. Julho, 2015.

Ouarzazate, Marrakesh, Morocco. July 2015.

Ouarzazate, Marrakech, Marruecos. Julio, 2015.



À esquerda e à direita:

Deserto do Saara, Marrakech, Marrocos. Julho, 2015.

The Sahara Desert, Marrakesh, Morocco. July 2015.

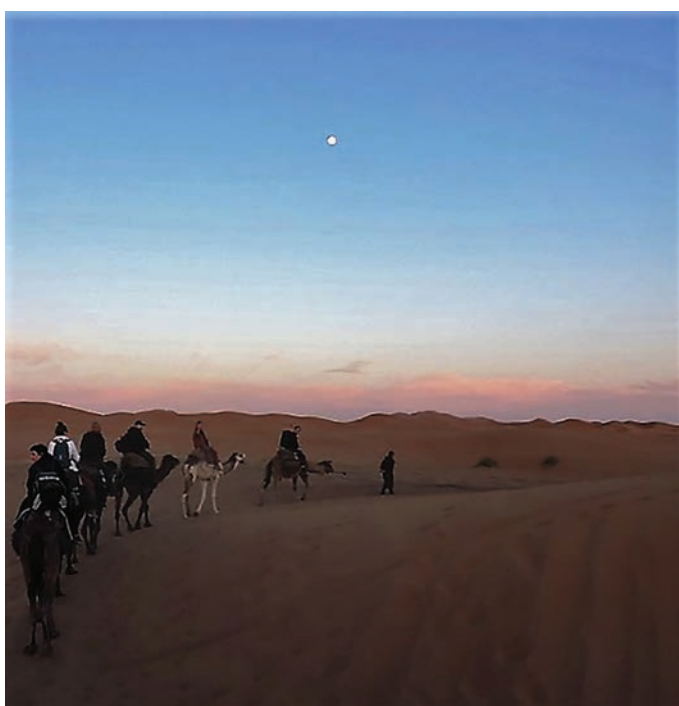
Desierto del Sahara, Marrakech, Marruecos. Julio, 2015.



Ouarzazate, Marrakech,
Marrocos. Julho, 2015.

*Ouarzazate, Marrakesh,
Morocco. July 2015.*

*Ouarzazate, Marrakech,
Marruecos. Julio, 2015.*



Acima e ao lado:

Deserto de Merzouga,
Saara, Marrocos.
Janeiro, 2015.

*The Merzouga Desert,
Sahara, Morocco. J
anuary 2015.*

*Desierto de Merzouga,
Sahara, Marruecos.
Enero, 2015.*